

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

PARA ALÉM DA EUROPA: O GÓTICO EM NOVOS CENÁRIOS

O termo gótico remete à Idade Média e significava, inicialmente, desordem e caos, fazendo menção aos invasores *godos* (sec. X a XV). Posteriormente, na segunda metade do século das Luzes, foi atrelado à arquitetura sombria de castelos e monastérios. Atualmente, há diversas perspectivas de compreensão do que é gótico, visto que pode se referir às searas da arquitetura, literatura, pintura, cinema, moda (vestimentas, maquiagem, acessórios), música, bem como à perspectiva sócio-histórica. Trata-se de um conceito múltiplo que abarca diversos contextos, por isso destacamos o recorte feito no presente dossiê.

Recordamos que o gótico na literatura teve como marco oficial a obra *O Castelo de Otranto* (1764), de autoria do escritor britânico Horace Walpole. O tema em tela surgiu na Alemanha e foi acolhido pela Inglaterra no século XVIII, sendo uma resposta ao racionalismo e aos pensamentos presentes no período da Ilustração, denominado, também, como Iluminismo, Esclarecimento, Século das Luzes, Século da Filosofia. Desta forma, o Iluminismo foi um movimento político-intelectual e se refere a um período onde a razão, o cientificismo e o reducionismo imperavam, portanto havia o combate a superstições, à fantasia, ao obscuro, ao sobrenatural e ao inexplicável.

No que se refere às narrativas góticas tradicionais, é possível identificar alguns recursos empregados utilizados com frequência: ausência de um tempo preciso, ou seja, ocorre num passado indefinido; enredo simples; presença de aristocratas perversos, heróis e de damas em perigo; o *locus horribilis*, a ambientação ou o cenário onde ocorrem os fatos sobrenaturais, como monastérios, castelos, montanhas, cemitérios, precipícios ou bosques; segredos, profecias, superstições ou maldições transgeracionais; a dicotomia entre o bem e o mal; anticlericalismo; melodrama; personagens e situações exagerados; sensualidade e degeneração física e moral; linguagem crua,

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

presença de seres sobrenaturais, como demônios, monstros (vampiros, lobisomens, mortos-vivos); há, ainda, a presença do terror/horror e da morte (acidental ou homicídio), do oculto, do sombrio, do nebuloso e das trevas.

Vale ressaltar que o gótico literário foi ressignificado e ampliado ao longo dos anos, surgindo em novos contextos e cenários. Exemplos dessa nova configuração do gótico podem ser vistos no gótico feminino, em que a mulher se torna protagonista e heroína de sua própria saga. O *locus horribilis* não se configura mais exclusiva ou prioritariamente como castelos ou mosteiros medievais da Europa do século XIX, mas ambientes urbanos e periferias da América Latina do século XXI: o acontecimento sobrenatural ou o horror/terror pode ocorrer numa casa como a sua ou a minha, em plena luz do dia.

Podemos pensar o gótico literário como uma estética do exagero e que descreve aspectos tabus ou deixados à margem, como a feiura e o escatológico. Conforme mencionamos acima, o gótico e a literatura de horror passaram por diversas transformações que, invariavelmente, refletem as mudanças sociais e culturais ocorridas no Ocidente nos últimos séculos. Nesse sentido, subcategorias como o gótico tradicional, gótico contemporâneo, gótico feminino, afro-gótico, eco-gótico etc. tentam definir e contextualizar esse grande panorama abarcado pelas vertentes do insólito ficcional.

Outras propostas tentam delimitar o gótico a partir de uma perspectiva temporal, como o gótico tradicional (Horace Walpole, William Beckford e William Godwin); o gótico consolidado (Ann Radcliffe, Matthew Gregory Lewis e Charles Maturin); o pós-gótico (Jane Austen, Henry James, Edgar Allan Poe, Gustav Meyrink, E.T.A. Hoffmann, Gastón Leroux, Ambrose Bierce, William Hope Hodgson, Arthur Machen, Mary Shelley e Bram Stoker); o gótico tardio (Robert Louis Stevenson, Oscar Wilde, Jules Verne, Howard Phillips Lovecraft e Guy de Maupassant) e o neogótico (Stephen King, Peter Straub, Charles L. Grant, Ramsey Campbell, Robert Bloch, John Farris, Clive Barker e Anne Rice). Na contemporaneidade, a dimensão que se sobressai nas narrativas góticas é o teor

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

de crítica e denúncia em diferentes contextos sociais, linguísticos e culturais; nesse sentido, o gótico se tropicaliza, deixa a fria Europa e aterroriza o Novo Mundo. Neste dossiê apresentamos trabalhos que evidenciam essa diversidade de temas, linguagens, autores e lugares em que o horror se manifesta.

Conforme vimos mencionando neste texto de apresentação, os artigos que compõem este dossiê temático evidenciam a diversidade de temas e possibilidades de análise das narrativas góticas. Prova disso são os trabalhos que abordam questões relacionadas aos papéis de gênero e ao lugar da mulher na sociedade. Esses artigos mostram, a partir de perspectivas e lugares distintos, como o gótico feminino e o gótico sul-americano atualizam e recontextualizam as definições de horror a partir do olhar da mulher, seja na posição de personagem, seja na posição de autoria. Nesse contexto, o artigo “‘Porque o maior medo de uma mulher...’: O Terror vivido pela Mulher Brasileira por meio de ‘Os porcos’ e ‘O caso de Ruth’, de Júlia Lopes de Almeida e ‘Brasil’, de Eliane Potiguara”, de Phablo Roberto Marchis Fachin, evidencia a literatura como ferramenta de combate aos marginalizados e oprimidos, no caso, trata-se de análise comparativa de duas narrativas de Júlia Lopes de Almeida e de um poema de Eliane Potiguara, tendo o horror como pano de fundo para denúncias relativas aos maus tratos contra a mulher, sobretudo indígena.

Por sua vez, o artigo “Horror e monstruosidade em *Raça Maldita* (1900) de Carolina Invernizio: retratos do gótico italiano”, de Júlia Lobão e Karine Simoni, constata a ausência do protagonismo autoral feminino no cânone literário no que se refere ao Gótico e ao horror, analisando o monstruoso na narrativa *Raça Maldita*, bem como relatando a vivência das mulheres italianas na transição dos séculos XIX para XX.

Em “O feminino na literatura de Shirley Jackson: uma análise da personagem Eleanor Vance, de *The Haunting of Hill House* (1959)”, Cibele Batista demonstra que os valores sociais presentes na narrativa analisada

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

reverberam o contexto extratextual. Dessa forma, o texto literário e o meio social se entrelaçam, refletindo um ao outro, em uma perspectiva dialógica e crítica.

Já o texto “O horror da dependência e a literatura gótica latino-americana enquanto crítica social em Saboroso Cadáver de Agustina Bazterrica”, de Yasmim Pereira Yonekura, lança luz sobre a desumanização, os horrores, a crueldade e a violência humanas. Para tanto, o artigo se vale do elemento gótico latino-americano contemporâneo continental como porta-voz.

O artigo “O horror sci-fi feminista de ‘O homem invisível’ (2020)”, de Marcio Markendorf e Nadege Ferreira Rodrigues Jardim, atenta para problemáticas sociais e de gênero presentes, também, em nossa sociedade, principalmente ao expor e denunciar relacionamentos abusivos no filme em questão, onde a mulher é vítima de uma sociedade misógina, machista e patriarcal.

Em “O gótico feminino e o papel da mulher nos contos ‘Sob as estrelas’ e ‘A neurose da cor’, de Júlia Lopes de Almeida”, Tharcylla Beatriz Fontenele Oliveira retrata o gótico do ponto de vista bibliográfico e analítico, ou seja, na perspectiva de gênero, posto que analisa a figuração feminina presente na narrativa.

No trabalho “A tradição gótica em *Casa de niebla* (1947) de María Luisa Bombal”, Gabriela Freitas analisa a obra no contexto do gótico feminino, em se apresentam os papéis de gênero no contexto matrimonial e se denunciam as opressões vivenciadas pelas mulheres numa sociedade patriarcal. O estudo destaca em especial o uso de Bombal de elementos como o sublime, o infamiliar e a casa como *locus horribilis* para ilustrar o matrimônio infeliz da protagonista.

Quando ficção e realidade se entrelaçam no intuito de denunciar problemáticas urgentes, eis que emerge a função político-social da literatura. Assim, o texto “Quando a literatura afro-brasileira e o horror se encontram: uma análise do conto ‘A floresta’, de Carol Dermond”, de Julia Antuniassi e Claudia Cristina Ferreira, abarca questões que versam sobre racismo, identidade e

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

pertencimento. O horror e a violência são recorrentes nesta narrativa, apresentando uma realidade monstruosa e cruel que revela os mistérios e as práticas hediondas de uma comunidade preconceituosa.

Paralelamente, os trabalhos que compõem este dossiê também propõem análises que revisitam obras e autores clássicos, muitos deles já estabelecidos dentro do cânone da literatura gótica, do horror, do insólito ou da fantasia. Estes artigos mostram possibilidades de reflexão novas, ou pouco exploradas, do horror na literatura dos séculos XIX e XX. Nesse sentido, o trabalho “Fantasmas Prolixos, Ultrajados, Desnorteados’: retratos do gótico sulista a partir de *Absalão, Absalão!* (1936), de William Faulkner”, de Giovana Proença Gonçalves, propõe uma leitura do gótico sulista, classificação dada a grande parte da literatura produzida no sul dos Estados Unidos entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a década de 1950, e de sua ressonância ao tratar as questões históricas e sociais daquele país.

Em “De tremores medonhos a risos lúgubres: *O Fantasma De Canterville* como paródia do gótico”, Auricelio Soares Fernandes mostra que Oscar Wilde recorre a clichês, elementos do espaço narrativo, atmosfera e personagens comuns do romance gótico para subvertê-los e transformá-los, por meio do cômico e da ironia, e homenagear toda a tradição gótica inglesa anterior ao seu tempo.

No artigo “O duplo traduzido: tradução comentada do conto ‘Le chevalier double’, de Théophile Gautier”, Bruno Ricardo Gessner e Sabrina Moura Aragão refletem sobre a representação do mito do duplo no contexto do fantástico e do insólito ficcional a partir de uma tradução comentada do conto do autor francês.

Já no trabalho intitulado “O grotesco em *O Senhor das Moscas*, de William Golding: representação da violência e do horror na literatura”, Geysa Russielly Campelo Brandão analisa a representação do grotesco na obra de Golding, ao abordar o rompimento da infância e a produção de um cenário violento e de horror na narrativa.

criação & crítica

Nº39

No artigo “A metonímia horrífica na ficção: a concepção sui generis de monstros em ‘Consciência tranquila’, de Cruz e Sousa”, Gabriel Costa Resende Pinto Bastos dos Santos discute acerca do conceito da metonímia horrífica na criação de personagens na literatura de horror. Para isso, o autor parte do conto de Cruz e Souza sobre um cruel escravista, a fim de exemplificar uma das maneiras de presentificação da monstruosidade na literatura brasileira.

Em “O pio da coruja: elementos góticos em *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos”, Mateus de Novaes Maia busca investigar os traços de uma discursividade gótica no romance de Ramos. A análise se dá a partir do levantamento dos elementos convencionais da tradição gótica presentes no romance — tais como o *locus horribilis*, a personagem monstruosa e a presença fantasmagórica do passado; assim, ainda que o romance não se configure como uma narrativa tipicamente gótica, entende-se que a poética gótica que perpassa o texto é operacionalizada de acordo com as convenções dessa tradição.

O artigo “Da boca escancarada ao riso contido: compreendendo algumas imagens do horror”, de Rafael Oliveira da Silva, apresenta uma discussão acerca do horror como uma categoria estética presente em diversos gêneros discursivos. O trabalho busca elucidar a comicidade presente no discurso do horror, as nuances e especificidades do riso carnavalesco presente em seu enunciado. Desse diálogo, emerge a compreensão do corpo grotesco do monstro e seu papel na construção do riso reduzido presente no discurso do horror.

Por fim, outra temática explorada pela literatura gótica, sobretudo na contemporaneidade, são os medos e angústias gerados pela atual sociedade de consumo, como a relação com a natureza e a constituição do indivíduo na pós-modernidade. Nesse contexto, o artigo “Horrores e sacrifícios: o pesadelo geracional irlandês em *Vivarium* (2019), de Lorcan Finnegan”, de Sanio Santos da Silva, Manoel Carlos dos Santos Alves e Samael Patriarcha Quintella, acompanha o fim trágico de um casal que, buscando comprar seu primeiro

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

imóvel, se encontra preso e monitorado por forças desconhecidas em um conjunto habitacional. O filme se insere em um ambiente de terror pós-moderno, em que os acontecimentos podem ser relacionados às constantes mudanças no capitalismo, que engendraram alterações na estrutura familiar e identitária da Irlanda.

Já o trabalho “O eco-horror vegetal em *Invasores de Corpos* (1955 [2020]), de Jack Finney: simulacro, hiper-realidade e consumo desenfreado”, de Jaimeson Machado Garcia, propõe uma análise da obra de Finney, que aborda o tema da invasão alienígena, a partir da perspectiva do eco-horror vegetal. Frente às crescentes preocupações ambientais que dominam os debates contemporâneos, a narrativa tem sido reinterpretada em consonância com as mudanças culturais e sociais, demonstrando sua atemporalidade por permitir diversas leituras.

Com a organização deste dossiê, que teve como tema o Horror e a Literatura, buscamos apresentar diferentes vertentes do gótico e do insólito ficcional, que se manifestam, também, em diferentes gêneros narrativos. Vimos que este gênero, nascido há quase 300 anos, continua a se atualizar e se reconfigurar a partir de mudanças sociais, culturais, temporais e espaciais. Os tempos mudam, mas o horror continua a atrair e repelir, encantar e repugnar, num eterno paradoxo do coração, como diria Noell Carroll.

Claudia Cristina Ferreira¹ e Sabrina Moura Aragão²

¹ Pós-doutoranda em Letras e Estudos Literários pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora na Universidade Estadual de Londrina. Coordenadora projeto *Iluminuras do insólito na literatura latino-americana dos séculos XIX e XX*, integrado na Universidade Estadual de Londrina.

² Sabrina Moura Aragão é professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, onde atua na graduação em Língua e Literatura Estrangeiras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Possui atividades de pesquisa, docência e extensão na área de Letras, sobretudo em Estudos da Tradução (tradução e multimodalidade, tradução de histórias em quadrinhos, tradução para dublagem e legendagem, adaptação, publicidade, localização de games, cinema, teatro e literatura).